UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TRANSITIVIDADE VERBAL E O ENSINO FUNCIONALISTA DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

JOÃO PAULO AGUIAR TAVARES

CAMPINA GRANDE – PB
2014

TRANSITIVIDADE VERBAL E O ENSINO FUNCIONALISTA DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

JOÃO PAULO AGUIAR TAVARES

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

T231 Tavares, João Paulo Aguiar.
Transitividade verbal e o ensino de língua [manuscrito] : uma proposta didática / Joao Paulo Aguiar Tavares. - 2014.
23 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier, Departamento de Letras".

1. Funcionalismo. 2. Transitividade verbal. 3. Ensino. 4. Língua portuguesa. I. Título.

21. ed. CDD 469

TRANSITIVIDADE VERBAL E O ENSINO FUNCIONALISTA DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

JOÃO PAULO AGUIAR TAVARES

BANCA EXAMINADORA

Manassés Morais Xavier — **NOTA:** 9,0
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UFCG)
Orientador

Cléa Gurjão Carneiro — **NOTA:** 10,0
Profª. Ms. Cléa Gurjão Carneiro (UEPB)
Examinadora

João Paulo dos Santos de Andrade — **NOTA:** 8,5
Prof. Ms. João Paulo dos Santos de Andrade (UEPB)
Examinador

Trabalho aprovado em: 17 de novembro de 2014

Média: 9,2

CAMPINA GRANDE – PB

2014

TRANSITIVIDADE VERBAL E O ENSINO FUNCIONALISTA DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

TAVARES, João Paulo Aguiar[1]

RESUMO

O presente trabalho vem refletir sobre o ensino de língua materna, pois cada vez mais há uma necessidade de elaborar metodologias tendo um ensino pautado nas práticas sociais que proporcionará a análise e compreensão do texto dentro de um contexto, opondo-se ao ensino dedutivo, ou seja, o ensino de gramática normativa, descontextualizado, de frases isoladas desvinculadas dos sentidos do texto. Diante disso, temos como objetivos refletir sobre gramática, interação e ensino de língua materna e apresentar uma proposta didática a ser desenvolvida no ensino médio da educação básica acerca da transitividade verbal. Assim, a justificativa parte da necessidade de apresentar uma proposta didática que se vincule a concepção sociointeracionista: uma proposta que tenha como finalidade desenvolver no aluno competências de leitura e escrita, consistindo em um ensino reflexivo acerca do funcionamento da língua, e não somente em aspectos gramaticais, mas também textuais e discursivos. Para tanto, utilizamos como embasamentos teóricos estudos linguísticos funcionalistas como Neves (2011; 2010), Travaglia (2009), Cunha e Souza (2011), Oliveira (2010), Mendonça (2006), dentre outros. Por se tratar de uma proposta didática, do ponto de vista dos resultados, o trabalho contribui com reflexões que fomentam discussões sobre a relação entre funcionalismo e o contemporâneo ensino de Língua Portuguesa, na perspectiva de formar professores e alunos cada vez mais críticos e reflexivos.

Palavras-chave: Funcionalismo. Transitividade verbal. Ensino.

INTRODUÇÃO

Partimos do conceito de língua como interação social e da necessidade de direcionar o estudo de gramática para o uso real da língua, levando o aluno a falar e escrever, além de compreender, eficientemente a função que as estruturas da língua cumprem no texto e os sentidos que elas constroem, tendo o texto como uma unidade semântica que é usada para representar a realidade. Nesse sentido, a questão-problema que gerencia este artigo é: como desenvolver aulas de língua materna, em específico de transitividade verbal, que estejam vinculadas a uma perspectiva de ensino reflexivo?

Para responder esta questão,elegemos como objetivos refletir sobre gramática, interação e ensino de língua materna e apresentar uma proposta didática a ser desenvolvida no ensino médio da educação básica acerca da transitividade verbal. A fim de nortear professores e estudantes da área ,a justificativa que abastece esse artigo recai sobre ações acadêmicas que

[1] Graduando em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: paulo.tavares81@hotmail.com

tenham como finalidade contribuir com o aprimoramento de estratégias de ensino de Língua Portuguesa no contexto do ensino médio, oferecendo condições ao aluno a aquisição de competências linguísticas para usá-las de acordo com o seu contexto de uso, isto é, reconhecendo as funções sociais da língua, a fim de nortear professores e estudantes da área de Língua Portuguesa a perceberem que a língua deve ser ensinada/estudada dentro da perspectiva funcionalista, tendo em vista um ensino reflexivo. Para tanto, nos embasamos nas contribuições teóricas advindas de estudiosos como Neves (2011; 2010), Travaglia (2009), Cunha e Souza (2011), Oliveira (2010), Mendonça (2006), dentre outros.

2 FORMALISMO E FUNCIONALISMO: FORMA E FUNÇÃO

Os estudos linguísticos, nas últimas décadas, vêm abordando as mais variadas situações impostas pelo uso da língua, revelando, através dos textos, a real intenção dos interlocutores. Nesse sentido, a visão da linguística funcionalista é a de examinar as expressões linguísticas desempenhadas nos vários contextos de uso, observando os aspectos exercidos na interação verbal.

Dessa maneira, a teoria do funcionalismo tem seu estudo voltado para o uso da língua como entidades linguísticas que exercem suas funções sociointerativas. Por isso, a corrente funcionalista se pauta na investigação da como o falante utiliza da língua, organizando seus discursos, deixando evidente que a linguagem não é um fenômeno isolado, mas que serve de propósito as efetivações da comunicação, da interação entre um eu e o outro (BAKHTIN, 2010).

Sendo assim, observa-se um paradoxo entre os estudos predominante nas correntes formalista e na funcionalista, pois a última se volta para o estudo do significado e do uso das formas linguísticas em atos comunicativos,realizados em diferentes contextos. Além disso, reúne conjuntos de teorias que têm,nas funções cognitivas e sociais,o papel nuclear na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua.Tal paradoxo é reforçado por Neves(2011,p.39):

> Na verdade, pode-se distinguir dois pólos de atenção opostos no pensamento linguístico, o funcionalismo, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, e o formalismo, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto interesses funcionais são apenas secundários.

Neste sentido, os funcionalistas criticam o formalismo por analisar a língua como sendo um objeto isolado, fora de um contexto em que se usa a linguagem. Postulam que a língua não pode ser desvinculada de suas relações entre os interlocutores, nas diversas maneiras de interações sociais. Dessa forma, as concepções vistas pela escola de Praga, segundo Halliday, bem como Dik, entendem os itens estruturais da língua, contidos nos enunciados, como multifuncionais.Por isso não consideram esgotada uma descrição de estrutura que se limite apenas à indicação das funções gramaticais.

Todavia, os formalistas referem-se ao funcionalismo de forma opositiva, pelo fato desta corrente incluir, em seus estudos acerca da linguagem, fenômenos psicológicos e sociais. Para isso, os formalistas buscam estudar os fenômenos linguísticos dentro do próprio sistema, deixando os fenômenos linguísticos voltados ao social e, os psicológicos para as ciências da psicologia e sociologia. Mesmo assim, o formalismo e o funcionalismo têm como fenômeno a ser estudado, ou objeto de investigação, a língua, mas cada corrente observa a partir de posicionamentos teórico-metodológicos distintos.

Quanto à postura funcionalista, ainda são oportunas as palavras de Neves (2011) para quem

> a organização da palavra nas frases é vista na sua função de organização da informação.A frase é reconhecida como uma unidade susceptível da análise, não apenas nos níveis morfológicos, fonológicos e sintáticos, mas também no nível comunicativo [...] o que se buscava nessa análise, era a avaliação da frase efetivamente realizada, com determinadas funções no ato da comunicação, e com base no princípio de não biunivolcidade entre formas e funções. (NEVES, 2011, p. 17-18)

Assim, a língua não pode ser descrita como um sistema autônimo, pois a gramática só pode ser entendida por referência a parâmetros como cognição de comunicação e processamentos mentais, dentro de uma interação social e cultural, podendo haver uma mudança na variação linguística desses mesmos usuários, além de uma evolução da língua.

Com base nisso, temos a gramática de uma língua centrada em moldes adaptáveis e dinâmicos, sujeita a manifestações internas e externas do sistema linguístico, que vem sendo analisado nas interações comunicativas e nas relações discursivas dos usuários da língua. Desse modo, a corrente funcionalista se apresenta como uma forma de explicar as funções desempenhadas pela língua no ato comunicativo, adaptando-se às necessidades cognitivas e comunicativas dos usuários.

3 TRANSITIVIDADE VERBAL: UM COMPONENTE DISCURSIVO

Temos na transitividade o modo particular de expressar relações verbais, tendo em vista que a sintaxe não pode ser autônoma com relação à função, ela está intrinsecamente relacionada com a função que exerce a língua, sendo esta um enfoque na instrumentalidade da linguagem em situação real de uso, deixando o semântico e a pragmática como dimensões constitutivas da linguagem e levando em consideração aspectos relacionados à intencionalidade discursiva, isto é, ao extralinguístico.

O termo transitividade vem do latim "*transitivus"* que significa "que vai além, que transmite". Neste caso, buscamos uma referência para esse conceito, em diferentes gramáticas, a exemplos de Cunha & Cintra que, em sua Nova Gramática do Português Contemporâneo (2001), definem a transitividade verbal como sendo uma relação entre o processo verbal e a forma verbal. Os autores consideram intransitivos aqueles verbos cuja ação está integralmente contida na forma verbal e são transitivos aqueles cuja ação vai além do verbo e se transmite a outros elementos.

Além disso, a Gramática Tradicional (doravante, GT) define como complementos verbais aqueles que se classificam como transitivos diretos os verbos cuja ação transmite-se a outros elementos diretamente, ou seja, sem o auxílio da preposição, sendo conceituado de "objeto direto", podendo ser representado por substantivo, pronome substantivo, numeral, palavra ou expressão substantivada e oração substantiva (objetiva direta).

Enquanto os transitivos indiretos são verbos cuja ação transita para outros elementos da oração indiretamente, isto é, por meio da preposição. Seu complemento é denominado "objeto indireto" e, assim como o objeto direto, pode ser representado por substantivo, pronome substantivo, numeral, palavra ou expressão substantivada e oração substantiva (objetiva indireta).

Mas, do ponto de vista de Perini (1985, *apud* MENDONÇA, 2006), a GT apresenta incoerência em seus conceitos de transitividades verbais. Tais incoerências partem dos termos "essenciais" da oração: sujeito (tudo aquilo sobre o qual se faz uma declaração), mas que encontramos na GT orações sem sujeito, quanto ao predicado (tudo aquilo que se diz do sujeito), todavia, de quem? Se existe orações sem esse termo 'importante'.

Diante dessas observações, Viera e Brandão (2011, p. 186) destacam seus pontos de vista acerca de transitividade como sendo TÓPICO e COMENTÁRIO, como exemplificam as autoras em sentenças do tipo: "*Corrida de cavalo, eu nunca fui ao jóquei clube*" ('**Corrida de**

cavalo' = tópico sobre o qual se faz um comentário **'eu nunca fui ao jóquei clube'**), "*A minha amiga Maria nunca foi ao jóquei clube para ver uma corrida de cavalo"(***A minha amiga Maria** = se apresenta como tópico, correspondente ao Sujeito da oração e **nunca fui ao jóquei para ver uma corrida de cavalo,** corresponde ao comentário,que seria o predicado da oração).

Refletindo sobre esses exemplos, as autoras dizem que quando se tem um propósito de descrever e entender a estrutura da oração é melhor observar o elemento nuclear que dá origem à oração, ou seja, o predicador, tratando o sujeito como um dentre os vários termos que se articulam com esse predicador. Assim, podemos analisar os termos da oração levando em conta os níveis de hierarquia sintática, do mais amplo para o restrito, para que se tenha uma contribuição para o estudo sobre a sintaxe da língua.

Dessa forma, temos como estrutura central da oração, os elementos predicadores: verbal (representado pelo verbo), nominal (representado por um adjetivo e substantivo), sendo esses os responsáveis pela projeção da estrutura sentencial. Enquanto o verbal e nominal simultaneamente, trazendo com ele os dois elementos predicativos.

Assim, fica claro que os nomes, igualmente aos verbos, selecionam argumentos responsáveis pela progressão da estrutura da oração. Com isso, podemos notar um paradoxo dessa teoria, com conceito da GT, que faz referência aos verbos de ligação, tendo este a função de ligar a característica ou estado ao seu respectivo sujeito. Todavia, Vieira e Brandão (2011) analisam tal estrutura buscando mostrar que o verbo (elemento que dá marcas de tempo, modo, número e pessoa) serve para afirmar que se trata de uma oração.Para isso, as autoras trabalham com os chamados ***predicados complexos***, aqueles que a GT denomina de predicados verbo-nominal, mas que se apresente diante de um verbo, o qual seleciona dois argumentos verbal (sujeito + objeto direto).

O João achou/julgou/considerou/ a festa ótima.

Sua atitude deixou o João satisfeito.

Por outro lado, as orações acima, segundo Vieira e Brandão (2011), apresentam estruturas que buscam demonstrar os argumentos externos, auxiliando o sentido do predicador nominal, tendo em vista que a estrutura: sujeito+objeto direto+predicativo do objeto, para que se tenha uma estrutura oracional compreensiva.

Diante disso, temos na análise do processo de transitividade, aquele que trazem consigo argumentos externos, no caso do sujeito, interligados aos argumentos internos, sendo estes os elementos predicativos, conceituados de argumentos internos, os quais fazem parte do processo, os verbos e os nomes que completam seus sentidos e transmitem características.

No ponto de vista teórico do funcionalismo, tem considerado a transitividade é considerada a propriedade em que a ação passa direta e indiretamente a um complemento. Portanto, a transitividade é uma propriedade que se manifestam, de certa forma, ao longo do discurso. Neste caso, observamos uma dicotomia nos conceitos que regem esse fenômeno linguístico.

Segundo Cunha e Souza (2011, p. 31), para a gramática funcionalista, regência verbal é a relação de dependência que se dá entre termos regentes (verbo) e um termo regido (complemento), valência verbal pode indicar o número de argumentos que um verbo seleciona suas funções sintáticas e seus papéis semânticos e transitividade (denota transferência de uma atividade de um agente para um paciente). Assim, transitividade se apresenta como a maneira como um verbo se relaciona com os sintagmas nominais (SN) numa mesma oração. Todavia, a GT traz como conceito de transitividade verbal a propriedade do verbo e não da oração.

Para Cunha e Cintra (2001, p. 134) a referência ao papel do contexto na verificação da transitividade verbal "é feita de acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode está empregado ora intransitivamente, ora transitivamente". Sendo assim, este fenômeno não está ligado somente ao verbo enquanto item lexical, mas a um processo que sofre influência diante do Sintagma verbal (SV). Vejamos as palavras de Cunha e Souza (2011) sobre essa característica do processo de transitividade verbal:

> a transitividade não é uma propriedade inerente de um dado verbo. Dependendo do contexto de uso, um mesmo verbo pode variar entre uma classificação transitiva ou intransitiva. O SN que é utilizado pela GT como o objeto direto, nem sempre funciona semanticamente como paciente da ação verbal [...] contrapondo à conceituação de verbos transitivos pela gramática tradicional, na avaliação da transitividade de interagem elementos tanto de natureza sintática (presença/ausência de SN complemento), quanto semântica (papel semântico do objeto) e pragmática (uso do textual do verbo). (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 34)

Tudo isso mostra que as regras gramáticas se modificam pelo uso da língua, tendo em vista que o estado da língua se pauta sobre a perspectiva discursivo-textual, pois esta permite observar que a gramática seja utilizada acerca do funcionalismo da língua em seu uso real, já que "ela é a própria língua em uso" (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 23).

Neste caso, a corrente funcionalista estudada por Halliday, denominada de Sistêmica Funcional, trata a língua da forma que ela é usada, ampliando o trato com a língua em se tratando dos estudos formais. Assim, segundo o modelo Sistêmico Funcional que não tem o estudo da língua apenas para fazer discrições funcionais desta, mas influencia estudos em

diversas áreas de conhecimentos humanos, para que haja uma contribuição no desenvolvimento de programas de alfabetização em escolas primárias e secundárias, como também servir de instrumento teórico-medotológico para outras teorias, tendo como organização da língua "a cadeia" (o sintagma) e "a escolha" (o paradigma).

Segundo os teóricos do Linguística Sistêmico Funcional (doravante, LSF), a transitividade é entendida como a categoria gramatical relacionada à metafunção ideacional, a qual se refere à representação das ideias, das experiências humanas, inclusive do interior de nossa consciência. Estas experiências estão interligadas a atos de agir, dizer, sentir, ser e ter, referenciando processos verbais dentro de uma realidade.

A LSF tem a transitividade como uma gramática da oração, que estrutura e serve para expressar significados ideacionais ou cognitivos, sendo a base da organização semântica da experiência, não somente entre transitivos e intransitivos, mas como um conjunto de orações de diferentes transitividades.

Para detalhar melhor a visão da LSF, podemos afirmar que ela explica a transitividade dividida em processos de espaços semióticos. Diferenciadas em *contínuas* (*continuum*), mas não rígidas, sendo esta principal para fundamento no qual o sistema é baseado, e os princípios da *indeterminação* semântica. A última reflete na construção dos processos do sistema da gramática.

Portanto, a LSF, conforme Neves (2010), tem contribuído muito na análise da língua em seu funcionamento. Ela descreve sobre a visão do contexto cultural e todos os significados possíveis de fazerem sentido nas relações humanas, tendo em vista do ensino da transitividade como em um todo, e não centralizado somente no verbo. Sendo assim, a linguagem em contexto específico, imediato e interpretado nos referentes linguísticos e extralinguísticos dos textos.

4 O ENSINO DE GRAMÁTICA A PARTIR DE UMA NOVA PERSPECTIVA

O ensino de língua materna vem sofrendo modificações consideráveis no que tange a novas perspectivas de métodos de ensino. Todavia, há uma predominância significativa acerca do ensino arcaico, embasado em regras gramaticais decodificadoras e sob confusas nomenclaturas, não tendo nem uma significação ou aplicabilidade na vida do aluno, que não consegue estabelecer relações entre a teoria gramatical e a prática de textos em situações de comunicação e de interação.

É necessário buscar caminhos inovadores.Neste sentido, as teorias funcionalistas podem ajudar os professores de língua Portuguesa a rever metodologia a fim de proporcionarem um ensino satisfatório,por meio dos diferentes textos que circulam no meio social do discentes.Logo, a gramática normativa pode se tornar, como já é,uma importante ferramenta tendo nas teorias funcionalistas, a forma de rever metodologias que possam proporcionar um ensino-aprendizagem satisfatório, tendo em vista novas práticas metodológicas por meio dos diferentes textos que circulam no meio social do discente.

Assim, fica evidente que é necessário articular o estudo da análise linguística com as práticas de leitura e de produção textual, tendo nos vários gêneros textuais existentes na sociedade, o objeto de ensino da Língua Materna, para que, partindo deles, possam traçar estratégias que facilitem o entendimento do aluno acerca dos estudos linguísticos preconizados pelo currículos. Estes, muitas vezes, carregados de normas regidas pela gramática normativa, que é "desconhecida" pelos discentes, cheia de nomenclaturas cada vez mais complexas à aquisição das sequências pré-estabelecidas (fonologia – morfologia – sintaxe – semântico) parecendo que os fenômenos linguísticos acabam nessas sequências.

Para Mendonça (2006, p. 204), a análise linguística apresenta-se como uma alternativa complementar às práticas de leitura e produção textual, dado que possibilita a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir ou refletir sobre esses usos.

Portanto, a escola não precisa formar gramáticos nem linguísticos, mas indivíduos capazes de agirem verbalmente do modo autônomo, tendo em vista as múltiplas situações de interações que fazem parte. Dessa forma, o aluno começa a realizar *Análise Linguística*: fenômeno que engloba os estudos gramaticais, mas em um paradigma diferente, tendo em mente, de início, o conceito de linguagem dentro de uma perspectiva sociointeracionista, já que a *Análise Linguística*, juntamente com os estudos da leitura e da produção textual, forma os pilares para um ensino de Língua Materna. Assim, a *Análise Linguística* tem como objetivo central refletir sobre elementos e fenômenos linguísticos e sobre estratégias discursivas, com o foco nos usos da linguagem.

> O uso da expressão 'ANÁLISE LINGUÍSTICA' não deve ao mero gosto por novas terminologias. A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações,discursos direto e indireto); organizações e inclusões de informações etc.

> Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a 'correções'. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos juntos aos leitores a que se destina. (GERALDI, 1997, p. 74)

Para melhor observarmos a diferença entre o ensino de gramática, numa perspectiva tradicional, e a análise linguística, finalizamos a discussão desse tópico considerando oportuno expormos o quadro a seguir extraído de Mendonça (2006) e que, a nosso ver, sintetiza bem o que estamos dialogando neste trabalho.

QUADRO 1: Diferenças entre ensino de gramática e análise linguística

Ensino de gramática	Prática de análise lingüística
Concepção de língua como sistema, estrutura inflexível e invariável.	Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes.
Fragmentação entre os eixos de ensino: as aulas de gramática não se relacionam necessariamente com as de leitura e de produção textual.	Integração entre os eixos de ensino: a AL é ferramenta para a leitura e a produção de textos.
Metodologia transmissiva, baseada na exposição dedutiva (do geral para o particular, isto é, das regras para o exemplo) + treinamento.	Metodologia reflexiva, baseada na indução (observação dos casos particulares para a conclusão das regularidades/regras).
Privilégio das habilidades metalinguísticas.	Trabalho paralelo com habilidades metalinguísticas e epilinguísticas.
Ênfase nos conteúdos gramaticais como objetos de ensino, abordando isoladamente e em sequência mais ou menos fixa.	Ênfase nos usos como objetos de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remetem a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), apresentados e retomados sempre que necessário.
Centralidade na norma padrão.	Centralidade dos efeitos de sentido.
Ausência de relação com as especificidades dos gêneros, uma vez que a análise é mais de cunho estrutural e, quando normativa, des-	Fusão com o trabalho com os gêneros, na medida em que contempla justamente a intersecção das condições de
Preferência pelos exercícios estruturais, de identificação e classificação de unidades/funções morfossintáticas e correção.	Preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido.

Fonte: Extraído de Mendonça (2006, p. 207)

5 O ENSINO DA TRANSITIVIDADE VERBAL

Diante dos estudos realizados neste trabalho, embasados nas novas teorias que estão sendo feitas acerca do ensino linguístico e da gramática, observamos que o ensino da TRANSITIVIDADE verbal não deveria girar em torno de identificação dos termos da oração, neste caso, verbo transitivo e intransitivo, objeto direto e indireto, tornando às aulas cansativas, por estabelecer quadros classificatórios para as formas linguísticas, fazendo com que haja uma evasão dos alunos. Todavia, podemos perceber um avanço, ao menos teórico, nos documentos governamentais que servem de base para o ensino de língua, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que preconizam a reflexão linguística.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998), a linguagem é uma atividade de natureza reflexiva, reflexão fundamental para o aperfeiçoamento da capacidade de produzir e interpretar textos. "A análise linguística refere-se a atividades que se pode classificar em epilinguísticas e metalinguísticas. Ambas são atividades de reflexão sobre a língua, mas se diferenciam nos seus fins" (BRASIL, 1998, p. 38). No entanto, os PCN afirmam que a gramática tem sido ensinada de forma descontextualizada: reduz-se a uma prática pedagógica que vai da metalinguagem à memorização de nomenclaturas.

Para isso, é necessário reconhecer que o ensino deve estar pautado na concepção interacionista, que vê o aprendizado como um processo de interação que tem o aluno como um ser ativo, construindo seu conhecimento através dos elementos fornecidos pelo professor, pelos livros didáticos, pelas atividades desenvolvidas em sala e por seus colegas. Assim, ensinar significa facilitar a aprendizagem dos estudantes, entender o aprendizado como um fenômeno sociocultural, tendo na figura do professor, o facilitador, um mediador de todo esse processo.

> Ao professor cabe a tarefa de propiciar aos alunos o ambiente e os meios necessários para que eles construam seus conhecimentos. Facilitar o processo de aprendizagem engloba uma série de atos bastante complexos, dentre os quais figuram; dar espaço para que a voz do estudante seja ouvida; sugerir estratégias de aprendizagem; recomendar leituras; transmitir informações relevantes para o processo de construção de conhecimentos. (OLIVEIRA, 2010, p. 17)

Neste caso, o professor deve estar em constantes atualizações de suas práticas, para que forneça informações atualizadas e precisas aos alunos sobre o ensino de língua. Desde que use de método que aborde as suas três partes: 1) uma abordagem proveniente das teorias da aprendizagem, que aponta para uma forma de conceber a aprendizagem, 2) projetos e 3)

procedimentos que implementam o projetos delineados pelos princípios teóricos explicitados pela abordagem, facilitando as técnicas didáticas, as práticas docentes e comportamentos esperados pelos estudantes.

Defendemos nesse trabalho que o ensino de língua Portuguesa deve está longe de uma perspectiva de ensino de língua unicamente estruturalista, já que o professor não deve ignorar as variações linguísticas e as várias formas culturas existentes entre esses usuários da língua, pois, diferentemente das regras previstas pela GT, que têm como função levar o usuário da língua a conhecer as regras do falar e escrever "correto", falamos um português usando as formas que constam em nosso dia-a-dia. Assim, fica difícil entender o estudo da língua de forma descontextualizada, como deixa claro a corrente estruturalista, e que muitas das vezes estão presentes nas aulas de língua portuguesa.

Sendo assim, os professores que trabalham seguindo a corrente estruturalista pouco apresentam propostas para um bom desempenho linguístico de seu aluno, deixando de fora do processo de ensino-aprendizagem os recursos que levam os alunos a interagirem nas diferentes situações sociocomunicativas.

5.1 Proposta didática: uma reflexão acerca do ensino da transitividade

JUSTIFICATIVA

Partindo dessas considerações, apresentamos uma proposta didática como possibilidade de contribuirmos com práticas e metodologias de ensino de língua materna de forma reflexiva, tendo a língua como meio de comunicação entre seus usuários. Para isso, buscaremos explicitar a necessidade de refletir sobre os sistemas linguísticos, visando uso da língua, buscando agrupar a essa prática os fenômenos gramaticais, já que não existe língua sem gramática.

Neste sentido, teremos sobre essa proposta uma reflexão recorrente e organizada, voltada para a produção de sentido e compreensão dos usos dos sistemas lingüísticos, utilizando das nomenclaturas como ferramenta no processo de ensino aprendizagem, como bem dizem os PCN (1998, p. 49): "a escola não deve só saber, é preciso saber dizer, é preciso dizer com propriedade se usarmos alguma metalinguagem, seja ela uma nomenclatura técnica, seja ela uma paráfrase individual e intuitiva".

Sendo assim, partiremos do ensino produtivo, que tem como função ensinar novas habilidades linguísticas aos alunos, de forma a levá-los a entenderem o uso da língua materna

de maneira mais eficaz, mostrando como a linguagem funciona e como determinada língua em particular funciona, tendo a visão sociointeracionista como forma de interligar os falantes-ouvintes, dentro de um contexto da produção e da concepção dos textos.

Desse modo, sentimos a necessidade de elaborar uma proposta de atividades acerca da corrente funcionalista (sistêmica-funcional) ao ensino de Língua Portuguesa, tendo como temática a ser abordada, a transitividade verbal de forma funcional em gêneros textuais trabalhados em sala de aula, neste caso, tiras, que pertencem a um hipergênero denominado quadrinhos que agrega outros gêneros como, por exemplo, os cartuns, as charges.

O humor é a principal característica da tirinha, além de ser um texto curto, configurado no formato retangular, vertical ou horizontal, com um ou mais quadrinhos, diálogos curtos, recursos icônico-verbais próprios (como balões, onomatopeias, metáforas visuais, figuras cinéticas etc), personagens fixos ou não e desfecho inesperado. O conteúdo temático é diversificado, abordando brincadeiras infantis, disputas, alimentação, higiene etc. Por isso, o estilo é marcado pelo uso da linguagem informal.

Nessa proposta didática, defendemos a concepção de gêneros advinda de Bakhtin (2010), para quem os gêneros são relações que o homem tem com a linguagem em seu meio social, além de serem objetos de ensino que destacam a importância de considerar as características dos gêneros na leitura e na escrita. Temos nesta prática uma ferramenta didática capaz de delinear o discurso do sujeito, ultrapassando os limites das formas linguísticas, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade tanto linguística, textual e comunicativa dos indivíduos, numa perspectiva interacionista e sócio-discursiva.

Ainda é oportuno destacarmos que embora utilizemos o gênero tira, a proposta pode ser adaptável a outros gêneros, dependendo dos interesses e das especificidades de cada contexto de ensino-aprendizagem.

OBJETIVOS GERAIS:

- Aprofundar-se no estudo das relações morfossintáticas da língua, tendo como eixo o texto.
- Reconhecer e identificar os constituintes da sentença, para que haja um entendimento sobre a concordância entre o verbo e argumento externo (sujeito).
- Conhecer diferentes estruturas de enunciados, considerando critérios sintáticos e discursivos.
- Perceber a relação entre pontuação, produção de sentido e expressividade.

TURMA SUGERIDA: 2º Ano do ensino médio

1º encontro – (2 aulas)

Conteúdo: Leituras e características do gênero textual tira, para mostrar de forma precisa os elementos de textualidade, conceituando os sintagmas verbal/nominal.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a estrutura do gênero e suas principais características, para possibilitar o entendimento de como esse texto reflete na sociedade de forma crítica.
- Reconhecer a intencionalidade presente no discurso do gênero em questão, para ler de maneira critica, reconhecendo o contexto de produção bem como a utilização de linguagem verbal e não verbal.
- Identificar os termos de fala, levando o aluno reconhecer as possíveis leituras e vozes sociais presentes no gênero textual abordado.
- Identificar, na tira, os pressupostos e as informações implícitas dos enunciados.

Metodologia:

- De início, o professor entrega aos alunos o gênero textual proposto (tirinha) do personagem Garfield, para que façam a leitura.
- O professor apresenta o gênero que será estudado, com o objetivo de identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero.
- Mostrar a função comunicativa das tirinhas, discutindo sobre como se apresenta esse gênero na interação sociocultural de cada aluno.Isso por meio de perguntas sobre aspectos gráficos e linguísticos, acerca da função comunicativa.
- Levar os alunos à identificação das características desse gênero textual, que o professor deverá registrá-las no quadro e responder eventuais dúvidas que os alunos possam ter.
- Identificar os elementos textuais(intencinalidade,intertextualidade,situacionalidade,entre outros) no gênero em discussão.
- Trabalhar as nomenclaturas de sintagmas verbal/nominal com a linguagem verbal da tira.
- Conduzir o aluno a desempenhar suas habilidades linguísticas diante das classes morfológicas, para que haja um bom resultado ao se trabalhar com as nomenclaturas citadas acima.
- Levar o aluno a percepção dos elementos gramaticais em uma dimensão relacionada aos usos da língua e aos significados que tais elementos têm como forma de auxiliar o discente no ato da comunicação à perspectiva pragmática.

Recursos de ensino:

- Lousa
- Pincel

Avaliação:

- Avaliar as respostas dos alunos sobre as indagações feitas.

Tira a ser utilizada no encontro:

https://www.google.com.br. Acesso em 24 de outubro de 2014.

2º encontro – (2 aulas)

Conteúdo: Transitividade verbal referenciada pela gramática tradicional

Objetivos específicos:

- Reconhecer a estrutura do gênero e suas principais características, para possibilitar o entendimento de como esse texto reflete na sociedade de forma crítica.
- Reconhecer a intencionalidade presente no discurso do gênero em questão, para ler de maneira critica, reconhecendo o contexto de produção bem como a utilização de linguagem verbal e não verbal.
- Identificar os termos de fala, levando o aluno reconhecer as possíveis leituras e vozes sociais presentes no gênero textual abordado.
- Identificar, na tira, os pressupostos e as informações implícitas dos enunciados.

Metodologia:

- Trabalhar juntos com os alunos, os conceitos abordados pela GT acerca dos verbos transitivos e intransitivos.
- Mostrar que esses determinados verbos se apresentam em: intransitivos (sem complemento) e transitivos (complementos).
- Identificar esses complementos, no caso do transitivo, mostrando como são ligados ao seu verbo com ou sem o uso da preposição.
- Operar com os conceitos de objetos diretos e indiretos, buscando compreender que dependo do contexto haverá modificação nos valores semânticos e na transitividade do verbo.

Recursos de ensino:

- Lousa

- Pincel
- Exercício proposto

Avaliação:

- O resultado obtido será a partir da participação oral e realização de exercícios.
- Exercício de fixação em folha elaborada a partir dos estudos de Travaglia (2009).

Tira a ser utilizada no encontro:

https://www.google.com.br. Acesso em 24 de outubro de 2014.

3º encontro – (2 aulas)

Conteúdo: Transitividade verbal no uso real da língua.

Metodologia:

- Identificar os sintagmas verbo/nominal na construção do sentido no enunciado da tira.
- Trabalhar os conceitos de transitividade verbal na perspectiva da Gramática Tradicional, para que os alunos possam entender a oposição entre as regras lançadas pela GT e as utilizadas pelas a língua dentro de seu funcionamento.
- Perceber, na tira, as relações entre certos usos dos complementos verbais e as características do falante.
- Trabalhar os conceitos de argumentos internos e externos em um ato comunicativo. Neste caso, o enunciado da tira.

Recursos de ensino:

- Lousa
- Pincel

Tira a ser utilizada no encontro:

https://www.google.com.br. Acesso em 24 de outubro de 2014.

4º encontro – (2 aulas)

Conteúdo: Transitividade verbal diante do funcionalismo.

Metodologia:

- Apropriar-se dos conceitos de regência, as noções de Valência e transitividade.
- Perceber a maneira como um verbo se relaciona com os sintagmas Nominais, mostrando como se dá a ocorrência desse fenômeno no uso real da língua.
- Fazer a distinção dos termos utilizados pela gramática tradicional e a corrente funcionalista, tendo em vista o entendimento do aluno sobre os termos técnicos utilizados na analise linguística.
- Identificar que a transitividade verbal não está ligada diretamente ao verbo, mas que ultrapassam o âmbito do sintagma verbal, utilizando como argumentos externos e internos.

Recursos de ensino:

- Lousa
- Pincel
- Exercício proposto

Avaliação:

- Lançar questionamento no caderno: quais os sintagmas nominais e sintagmas verbais são encontrados no texto?

Tira a ser utilizada no encontro:

https://www.google.com.br. Acesso em 24 de outubro de 2014.

5º encontro – (2 aulas)

Conteúdo: Transitividade - gramática tradicional e o funcionalismo

Metodologia:

- Levar os alunos a observar os aspectos semânticos dos verbos, para que estes possam notar, diante do contexto de uso, que um mesmo verbo pode variar entre uma classificação transitiva ou intransitiva.
- Observar, juntos aos alunos, que os sintagmas nominais, representados pelas gramáticas tradicionais como objeto direto e objeto indireto, nem sempre apresentam como paciente da ação verbal.
- Reconhecer e identificar os constituintes das sentenças como forma de trabalhar os sinais de pontuação.

Recursos de ensino:

- Lousa
- Pincel
- Exercício proposto

Avaliação:

- Lançar questionamento no caderno: quais os sentidos desses sintagmas no eixo pragmático.
- Lançar exercício reflexivo acerca do conteúdo trabalhado.

A proposta apresentada subdivide-se em cinco encontros, cada um com duas aulas, sendo elas com duração de 40 minutos. No primeiro encontro, apresentaremos aos alunos uma tirinha criada por Jim Davis, tendo como personagens principais: Odie, um cão estúpido, e Jon Arbuckle um gato (Garfield), usada como ferramenta para trabalhar análise linguística.

Trabalharemos neste encontro os fatores de textualidade contida no gênero textual citado, utilizando da interpretação da linguagem verbal e não verbal, situada em um contexto. Como também, verificaremos, juntos aos alunos, fatores pragmáticos centralizados nas informações dos enunciados.

No segundo encontro, daremos continuidade às identificações dos elementos textuais, fazendo comparações com o ato da fala dos personagens, para que os alunos possam ter contato com as nomenclaturas, muitas vezes desconhecidas, de sintagma verbal e nominal. Logo após, conduziremos os alunos a desempenharem seus conhecimentos linguísticos (morfologia, sintático e semântico). Nesse momento, os discentes deverão perceber que a linguagem é uma prática social da comunicação, sendo ela ligada aos componentes que a gramática traz em suas regras, mas que seja vista diante do uso da língua em certo contexto.

No terceiro encontro buscaremos identificar os sintagmas verbais e nominais que têm como função combinar as palavras que formam as sentenças, em torno de um núcleo que vai desempenhar uma função no conjunto maior do enunciado. Enquanto os sintagmas nominais são os vocábulos que compõem a unidade sintagmática que se organizam em torno do núcleo. Assim, podemos fazer uma descrição da organização e relação de dependência dos elementos composicionais de um ato de comunicativo em uso real. Neste momento, apresentaremos os conceitos do que venham a ser argumentos internos e externos à linguística funcional.

No quarto encontro iremos expor os conceitos de regência e as noções de Valência e transitividade, para que os discentes observem a relação do verbo com os sintagmas nominais acerca do uso da língua, referenciando aos estudantes que a transitividade verbal não está ligada unicamente ao verbo.

Para concluir a proposta, no quinto encontro e último incentivaremos os alunos a identificarem os aspectos semânticos dos verbos no uso real da língua, além de especificar que o verbo pode variar entre transitivo e intransitivo, dependendo do eixo pragmático,como, também, trabalharemos juntas as sentenças e os sinais de pontuação.

O professor, nos encontros, se utilizará do texto verbal da tira, entendido neste trabalho como conjunto de enunciados que constroem sentidos, e ampliará a discussão para o texto não verbal, propondo uma reflexão sobre o sujeito que enuncia, para onde enuncia e de onde enuncia, promovendo, desse modo, ações didáticas que incentivam os alunos a

entenderem os efeitos de sentidos que são convocados quando a transitividade é usada, distanciando de uma atividade mecânica e repetitiva de reconhecimento de estruturas sintáticas e desprovida de reflexões usuais sobre a língua em contextos reais de funcionamento.

A proposta parte de um ensino de língua materna acerca do uso real da língua, dentro de um contexto, utilizando o texto como ferramenta didático-pedagógica, tido como um ensino interacionista, pois, segundo Oliveira (2010), o texto pode servir tal ferramenta nas práticas pedagógicas, em que o professor deve ter cuidado com composições radicais para não perder opções interessantes de ajudar seus alunos no desenvolvimento de sua competência comunicativa. Se ele (o professor) "quiser usar um texto como pretexto, não haverá nada de errado. Contudo ele precisa ter cuidado com o pretexto com o qual o texto será usado" (OLIVEIRA, 2010, p. 107).

Diante disso, o ensino de língua materna tem como dever assegurar ao aluno o desenvolvimento das competências linguísticas como prática social, criando condições para que os discentes possam interagir com as diversas manifestações da linguagem, a partir de vários discursos que apresentam nas relações sociais, considerando aspectos sociais e culturais.

> O professor precisa conhecer um pouco de teorias para que sua prática pedagógica seja de forma consciente. E a abordagem é o elemento teórico do método que ajuda o professor a criar essa consciência. Portanto, algo que o professor precisa fazer é perguntar-se que teoria de língua e que teoria de aprendizagem dão sustentação a sua prática pedagógica. Além disso, ele precisa verificar se o conteúdo constante no programa da disciplina e se a atividade que realiza estão de acordo com essas teorias. (OLIVEIRA, 2010, p. 32)

Acreditamos que seja nesse sentido que a proposta didática aqui apresentada avança em relação à práticas de ensino de transitividade verbal a partir de exemplos soltos de orações, por vezes descontextualizadas e sem interesse discursivo. O deslocamento de uma prática de ensino tradicional para uma perspectiva inovadora, funcionalista, recai nessa possibilidade de ir além do verbo, mas estudá-lo através dos focos intencionais que colocam o discurso e suas condições de produção, via gêneros, em destaque, reconhecendo que, para além do reconhecimento de estruturas sintáticas, o uso da língua significa um modo de atuação funcional e, sobretudo, social. Este foi o objetivo que gerenciou a elaboração desta

intenção de prática de ensino materializada nesta proposta de intervenção didática. Trata-se, portanto, conforme Mendonça (2006), de um novo olhar, um novo objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas observações realizadas no âmbito deste trabalho,visamos traçar estratégias acerca do ensino de língua materna, priorizando um ensino descritivo-reflexivo,isto é, aquele que apresenta a língua em seu uso real, levando o aluno ao conhecimento da instituição social que a língua representa: sua estrutura e funcionamento, sua forma e função.

Diante dessa concepção, buscamos apresentar uma metodologia que sirva de base teórico-didática, norteando professores e estudantes de licenciaturas em Letras Língua Portuguesa sobre os estudos linguísticos e sobre a necessidade de estabelecer um contato com um ensino de língua materna, valorizando a língua falada pelos estudantes, como forma de interação entre os falantes, produtores de diversos textos em diferentes contextos, criando situações em que os alunos possam operar sobre a própria linguagem, tanto sobre os textos que produzem quanto sobre os textos que leem.

Para isso, o trabalhar do ensino de língua materna deve estar pautado no funcionamento da língua, não deixando de considerar a GT, pois ela se apresenta como ferramenta necessária ao domínio da concepção destas normas que constituem a língua. Isso através dos diversos textos produzidos pelos usuários da língua, mostrando-os a variedade linguística de uso afetivo a todos os indivíduos da comunidade linguística, ficando evidente que isto seja uma das funções da educação linguística, já que a escola tem,entre seus objetivos, capacitar o aprendiz a enfrentar as diversas situações discursivas.

Portanto,venho propor uma proposta didática embasada nos estudos funcionalistas, que preconizam um ensino pautado na língua em funcionamento, aplicabilidade do que é ensinado na gramática se ter um ensino reflexivo,ou seja,aquele em que o aluno aprende a analisar suas competências linguísticas. Assim, o ensino de língua materna se justifica pelo desenvolvimento comunicativo do aluno, tornando-o apto a se comunicar e entender aquilo que outros comunicam nas mais diversas situações de uso da língua, seja na língua falada ou escrita, na variedade padrão ou não.

ABSTRACT

The present work reflect on the teaching of mother tongue, because there is increasingly a need to develop a methodology to teaching based on social practices that provide the analysis and understanding of the text in context, opposing the deductive teaching, or is, the teaching of grammar rules, decontextualized, isolated sentences disconnected sense of the text. Therefore, we aim to reflect on grammar, interaction and mother tongue teaching and presenting a didactic to be developed in high school basic education about the transitive verbal proposal. Thus, the justification of the need to present a didactic proposal that links the social interactionist conception, a proposal that aims to develop student skills in reading and writing, consisting of a reflective learning about the workings of language, not only in aspects grammatical, but also textual and discursive. Therefore, we use as functionalist linguistic studies theoretical grounds as Neves (2011; 2010), Travaglia (2009), Cunha and Souza (2011), Oliveira (2010), Mendonça (2006), among others. Because it is a didactic proposal from the point of view of results, the paper contributes with reflections that encourage discussions about the relationship between functionalism and contemporary teaching Portuguese with a view to train teachers and increasingly critical and reflective learners.
Keywords: Functionalism. Transitive verb. Education.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Língua Portuguesa. Brasília: Mec/ SEF, 1998.

CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso.* São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: _____; BUNZEN, C. (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199-226.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem*: temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber:* a teoria na prática. São Paulo: Parábola, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática:* ensino plural. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. *Ensino de gramática*: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2011.